

O FALAR RURAL PRESENTE NA MÚSICA DE RAIZ

Georgia Caprioli NEGRÃO (Universidade Estadual de Londrina)

ABSTRACT: *Portuguese language is under constant evolution and change. In this study, we will analyze the language and its process of changing on the basis of sociolinguistic studies, the linguistic phenomena that occur in present rural speech in root music "Cuitelinho", proving that this speech continues alive, mainly, in rural communities.*

KEYWORDS: *rural speech; root music; linguistic variation.*

0. Introdução A necessidade de comunicação é intrínseca ao homem, pois, como ser social, está em permanente interação com a realidade que o cerca e com os outros, compartilhando experiências e conhecimentos de mundo através de um sistema organizado: a língua.

Como as sociedades humanas estão em constante evolução, a linguagem não fica impassível a conseqüentes mudanças. Conforme Mollica (2003), todas as línguas apresentam um dinamismo inerente e, indistintamente, são heterogêneas. Seu caráter dinâmico possibilita que se modifiquem e abram-se em muitas variantes, ou seja, a variação lingüística é constitutiva das línguas humanas em todos os níveis e é incondicional à imposição de normas (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998).

Com o advento da Sociolingüística, deu-se ênfase a essa variabilidade lingüística - característica indiscutível de todas as línguas - ganharam força os estudos do uso real da linguagem em suas diversas comunidades falantes enfim, a Sociolingüística considerou "a importância social da linguagem, dos pequenos grupos sócio-culturais a comunidades maiores" (MOLLICA, 2003: 10).

Nenhuma língua é uniforme, apresentando variações de acordo com o ambiente, a cultura, a época e a classe social a que pertence o falante e que se classificam, segundo Antunes (2001), da seguinte forma:

- a) diatópicas ? são variações geográficas, de região para região. Pode-se citar como exemplos as diferentes pronúncias do fonema *r* no falar nordestino, carioca e paranaense; as diversas palavras para designar o mesmo conceito, como *mandioca* no sul do país e *macaxeira* no norte ou acepções distintas de um mesmo termo em diferentes regiões;
- b) diastráticas ? referem-se a grupos sociais, como no caso da gíria e do jargão, que caracterizam-se como uma variedade lingüística partilhada por um grupo social e que o demarcam em relação a outros grupos (a gíria dos rappers, por exemplo). A linguagem técnica de determinada área de conhecimento (ciência, música, literatura, entre outros) também é um exemplo dessa modalidade.
- c) diafásicas ? variações de uma situação para outra, o emprego se dá conforme o contexto, ou seja, relaciona-se com fatores discursivos e pragmáticos. O falante emprega diferentes variedades da língua de acordo com o contexto comunicativo, adaptando-o às circunstâncias: há ocasiões em que há necessidade de maior formalidade, enquanto em outras, impera o estilo informal.
- d) diacrônicas ? dizem respeito à evolução histórica da língua, dando lugar a arcaísmos e neologismos. O caráter evolutivo da linguagem permite que seu léxico seja constantemente ampliado através da incorporação de novos vocabulários.

Com base nestas considerações, pode-se afirmar que a língua portuguesa também não se apresenta de maneira uniforme, variando nos níveis fonético, fonológico, morfológico, sintático e lexical, conforme a região, faixa etária, estrato social, idade, profissão, entre outros fatores que caracterizam seus falantes, constituindo-se, dessa forma, de variedades ou falares, com características peculiares. O português falado no Brasil possui inúmeros exemplos:

No sul do país, o pronome "tu" é o tratamento preferido quando o falante interage com o ouvinte, encontrando-se em menor escala em outras regiões e evidenciando uma diferenciação geográfica, em que os pronomes de tratamento distribuem-se em sistemas variacionais diferentes. A presença de concordância nominal e verbal como em "os estudos sociolingüísticos" e "eles estudam Sociolingüística" em geral alterna-se com a possibilidade

de ocorrência de enunciados em que tais marcas estão ausentes: “os estudos sociolinguísticos”, “eles estudam Sociolinguística” (MOLLICA, 2003: 9).

Diante disso, o objetivo do presente trabalho é analisar os fenômenos linguísticos que ocorrem no falar rural, presente na música de raiz, com base nas pesquisas sociolinguísticas de diversos autores. Esse falar, dentre tantos outros existentes no Brasil, ainda se mantém vivo nas comunidades residentes em áreas rurais e que conservam os hábitos e costumes, apesar da modernização e está enraizado, principalmente, na música, nas modas de viola as quais versam sobre temas comuns à realidade dessas comunidades, atribuindo às canções encanto, ritmo e musicalidade.

Pretende-se também, com essa análise, resgatar uma parte da cultura vinculada ao interior do país, que ainda se mantém viva, contrariando a hipótese de Amaral (1955: 42) ao afirmar que o falar rural “achava-se condenado a desaparecer em prazo mais ou menos breve”. Em vez disso, vê-se que o falar rural ainda é comum até mesmo nas grandes cidades, firmando-se através das músicas características que fazem parte do patrimônio cultural e histórico da música brasileira.

1. Língua, dialeto e falar

Os conceitos de língua, dialeto e falar são aparentemente semelhantes, mas, na verdade, se distinguem possuindo características próprias.

A língua é a maneira que cada comunidade linguística organiza seu sistema de comunicação e expressão de sentimentos e pensamentos. Vários autores afirmam que a língua é uma abstração, conforme Vendryes (*apud* BOLÉO, 1943: 13):

[...] uma língua é uma abstracção, um “ideal” para que se tende, está no carácter fixo, estável, com que ela se apresenta ao nosso espírito, - embora contra a realidade dos factos. Daí a distinção que foi necessária estabelecer entre ‘língua’ e ‘fala’ (*langue e parole*), entendendo-se por esta última ‘a língua em acção num grupo social’.

Porém, a língua não pode ser considerada algo estático, fixo, é um fenômeno social que se transforma para adequar-se às necessidades dos indivíduos, conforme o estrato social a que pertencem e a evolução histórica das comunidades falantes¹.

Saussure (*apud* PETER, 2003) defende que a linguagem abrange vários domínios, sendo simultaneamente, física, fisiológica e psíquica, além de ser pertencente aos seus falantes. Dois conceitos são básicos para os estudos linguísticos saussurianos: língua e fala. A língua é a estrutura que compreende as convenções adotadas por determinado grupo social. A fala está sujeita a modificações regionais, gírias, relacionada à forma como os indivíduos utilizam essas convenções. A fala varia, além disso, em função dos diversos registros em que é empregada, ou seja, os níveis de linguagem ora mais formais, ora mais descontraídos. Não se fala da mesma maneira quando se está pronunciando uma conferência ou conversando despreocupadamente com um amigo pelo telefone, igualmente não se escreve um ensaio acadêmico como se redige uma carta pessoal.

O gerativismo de Chomsky (*apud* PETER, 2003) postula que a língua possui propriedades abstratas e complexas que não podem ser aprendidas aleatoriamente por um falante em fase de aquisição da linguagem. Entretanto, através da exposição à língua no meio social em que vive, a criança adquire conhecimentos que já estão implícitos na mente, na verdade, os conhecimentos linguísticos se desenvolvem e não são adquiridos.

A língua é a mais importante via de comunicação e de constituição das sociedades (visto que não há meio social sem linguagem), possibilitando a seus falantes trocar experiências, agir no mundo e interagir com o seu universo social. Dessa maneira, pode-se afirmar que sua evolução ou estagnação relaciona-se com as necessidades dos indivíduos e reflete os padrões, ideologias e comportamentos de cada comunidade linguística.

Já o dialeto é uma forma particular dentro de um mesmo território linguístico, onde seus falantes elegem formas e particularidades linguísticas, na maioria das vezes, distintas mesmo de comunidades próximas. Pode-se afirmar que entre dialetos não há compreensão, as diferenças na fala tornam-se tão acentuadas que não é possível o entendimento, na medida que afetam diretamente a fonética e a morfologia (BOLÉO, 1943).

¹ Os puristas da linguagem pretendiam que a língua permanecesse estática, sem mudanças, ignorando seu caráter evolutivo. Essa polêmica estende-se até os dias atuais pelos seguintes motivos: os gramáticos tradicionalistas que defendem a língua padrão como única correta, a discussão sobre ensinar ou não gramática e o repúdio às formas de falar que não sejam a norma padrão, a gramática tradicional.

Tal fenômeno lingüístico ocorre, sobretudo, porque os grupos sociais se subdividem e formam outros grupos menores. A linguagem, portanto, é mais uma maneira de integração e de aceitação dos membros, que são excluídos se não preencherem os “requisitos” necessários ao seu meio social.

Finalmente, a noção de falar entende-se, de acordo com Silva Neto (1963: 147), como particularidades lingüísticas que em “determinados limites de área ou de classe, há concordâncias que caracterizam um dado grupo”. Segundo o autor, essa linguagem socializada é caracterizada pela compreensão entre os falantes e pode ser de dois tipos: o falar urbano, característico dos estratos sociais e o falar rural que é característico de áreas determinadas (SILVA NETO, 1963).

Gabelentz (*apud* SILVA NETO, 1963) caracteriza os falares como subdialetos, que são as diferenças locais na fala, por exemplo: quando alguém se utiliza de um falar, nota-se que é uma linguagem diferenciada, de uma outra localidade, mas assim mesmo, há compreensão.

Por serem conceitos semelhantes é que fica difícil definir dialeto, falar e língua. Segundo Boléo (1943: 11):

O que há é dialectos, falares e linguagens diversas dentro da mesma comunidade lingüística: o dialecto ou falar de tal ou tal região, a linguagem do povo, das classes ilustradas, da conversação, dos discursos, etc, e é abstraindo desses particularismos que chegamos à noção geral da ‘língua’.

Não seriam possíveis tais definições se baseadas num critério político, considerando somente que um dialeto torna-se língua quando sua comunidade falante passa a nação soberana ou vice-versa, pois há outras causas que elevam um dialeto à língua. Pode-se citar, como exemplo, que “a formação das línguas italiana e alemã se deve, sobretudo, a causas de ordem literária”; também as obras e o prestígio de Dante e Lutero possibilitaram ao seu dialeto elevar-se à língua. Existem, igualmente, territórios que não são independentes politicamente, como o Catalão, porém, possuem língua própria (BOLÉO, 1943: 14).

Sendo o critério político insuficiente e não admitido cientificamente, estabelece-se como apropriado para tal distinção o critério prático, ou seja, o grau de facilidade de compreensão (considerando também que o mesmo varia de indivíduo para indivíduo) entre falantes de uma mesma ou diferente comunidade lingüística.

Porém, como qualquer outro método, o critério prático possui inconvenientes que, segundo Boléo (1943: 16):

[...] poderão ser um pouco atenuados com a determinação de algumas particularidades sobretudo de caráter fonético e morfológico. Uma só particularidade (por exemplo, a ditongação da vogal tónica) será insuficiente para determinar se se trata de dialecto ou falar; mas o conjunto, completado pelo sentimento lingüístico, já nos poderá esclarecer.

Dessa maneira, fica difícil definir as fronteiras geográficas de uma língua, e principalmente de seus dialetos ou falares, pois - além de fatores lingüísticos - fatores políticos e sociais também exercem forte influência nessas delimitações.

2. O falar rural

Certos falares no Brasil são considerados uma forma incorreta de falar, pois se diferem das regras impostas pela norma culta. É o caso do falar rural, uma linguagem antiga, cheia de particularidades e carregada de preconceito por parte de falantes de outros falares, que a marginalizam e a consideram inferior às demais. Seu juízo de valor é determinado conforme a classe social a que pertencem seus falantes e não pela competência lingüística que possuem.

O falar rural originou-se no Brasil colonial, entre os roceiros e trabalhadores do campo e exercia muita influência no país. Em São Paulo, por exemplo, pessoas cultas e educadas como o Marquês de S. Vicente, não puderam escapar de tal linguajar, rendendo aos paulistas a fama de não usarem a linguagem culta, mas “feios vícios de linguagem” (AMARAL, 1955: 41).

Essa linguagem teria sua influência ainda mais abrangente se várias mudanças no meio social e político não tivessem ocorrido. Com a libertação dos escravos, substituiu-se a mão-de-obra negra pela branca remunerada, modificando alguns fatores da variação dialetal.

Com isso, os verdadeiros caipiras (roceiros sem instrução) foram deixados à margem da vida coletiva, passando a ter uma influência cada vez menor nos costumes e estrutura social (AMARAL, 1955: 41).

É na música que o falar rural se fortalece, as modas caipiras ganham originalidade e encanto, escritas e cantadas no ritmo caracterizado pela lentidão e pausa e além disso, tornam-se a expressão da saudade da vida no campo, como disse Lourival dos Santos, um dos maiores nomes sertanejos: “sempre produzi em São Paulo. Talvez seja porque aqui a gente fica sentindo saudade do interior e aí a criação aparece. A saudade é a principal fonte de inspiração...” (NEPOMUCENO, 2004).

Amaral (1955: 55) considera que o “vocabulário caipira” é restrito devido à simplicidade da vida e de espírito, tais características refletem-se nas letras que, além da saudade, versam sobre outros temas: festas entre amigos, amores, tristeza, entre outros.

Analisando o linguajar rural e estendendo a análise às demais variantes da língua (incluindo a norma culta) verifica-se que não há línguas melhores ou piores, primitivas ou evoluídas, mas “toda língua permite a expressão de qualquer conceito” (SILVA, 1999: 18).

3. A música de raiz

A música “caipira”, gênero que se enraizou especialmente na região sudeste, posteriormente no sul e centro-oeste do país, surgiu da miscigenação dos cantos religiosos dos jesuítas e das modinhas trazidas pelos colonizadores portugueses, com a música e dança dos índios, verdadeiros donos das terras recém-descobertas (NEPOMUCENO, 2004).

Conforme Nepomuceno (2004) a viola cavada num tronco de árvore, com cordas feitas de tripas de animais e depois, de arame, foi sacramentada na cultura rural como instrumento base. A origem da palavra “caipira” remete-se ao Brasil colonial: pela miscigenação do idioma indígena com o português dos colonizadores (caa = mato e pir = que corta).

Em São Paulo e seu interior, principalmente, definiu-se o tipo característico denominado “caipira”, espécie de caboclo diferente dos oriundos das regiões norte e nordeste. Na própria capital, ainda no início do séc. XIX, pouco se conhecia sobre esse indivíduo interiorano, desconheciam-se suas danças, músicas e poesias típicas (UNIVERSO COUNTRY, 2004).

Até 1928, ocorria a total ausência de músicas sertanejas nos catálogos das gravadoras, isso devido à intolerância do mundo urbano em relação a essa modalidade musical. Foi Cornélio Pires (1884-1958), natural de Tietê, estado de São Paulo, o mentor na divulgação das modas de violas: procurou os diretores da gravadora Columbia propondo a gravação de discos com material caipira autêntico. Esta, porém, não aceitou a proposta alegando que o tipo de música não interessava ao mercado (UNIVERSO COUNTRY, 2004).

Segundo Universo Country (2004) os primeiros discos ficaram prontos em 1929, porém como produção independente de Cornélio Pires, pois não recebeu nenhum apoio de rádios ou gravadoras. Antes mesmo que pudesse realizar um trabalho de propaganda do material, a notícia da existência de discos com músicas sertanejas alvoroçou o interior paulista e então esgotou seu estoque de discos.

Com isso, a era da música caipira se inicia no Brasil, a Philips gravadora (do Rio de Janeiro) envia um estúdio portátil para a cidade de Piracicaba para a gravação de um disco com a dupla pioneira Mandi e Sorocabinha, surgindo pela primeira vez, no mercado cultural, os gêneros: Moda de Viola, Cateretê, Catira, Moda Campeira, entre outros (UNIVERSO COUNTRY, 2004).

4. Análise

A canção "Cuitelinho", tema do folclore mato-grossense, foi gravada por Nara Leão em 1974, no disco “Música Popular do Centro-Oeste / Sudeste”, lançado originalmente pela gravadora Marcus Pereira, que integrou a coleção chamada "Mapa Musical do Brasil", com um repertório de músicas folclóricas do Norte, Nordeste, Sudoeste e Sul do Brasil. (CAMPANÉR, 2004).

Posteriormente, foi regravação pela dupla Pena Branca & Xavantinho. Irmãos criados na zona rural de Uberlândia (MG) que começaram a tocar juntos na infância. Em 1958, Pena Branca (José Ramiro Sobrinho) e Xavantinho (Ranulfo Ramiro da Silva), participam pela primeira vez de um programa da Rádio Educadora de Uberlândia (UNIVERSO COUNTRY, 2004).

O tema da música é a saudade, típica dos moradores de comunidades rurais que partem em busca de uma vida melhor, deixando para trás a vida simples do campo, a família e um amor verdadeiro. Na canção, a saudade da pessoa amada é tão intensa que faz com que o coração falhe e os olhos se encham de água.

Apresenta-se, a seguir, a análise dos fenômenos lingüísticos que ocorrem na canção:

Regência verbo chegar

Na música Cuitelinho, o verbo *chegar* é regido pela preposição *em*: *Cheguei na beira do porto* (verso 1), diferentemente do que pede a tradição gramatical: verbo *chegar* sempre regido pela preposição *a*. Porém, no português, a regência *em* é comumente utilizada na língua falada.

Amaral (1955: 80) postula que no falar rural, é comum o lugar *para onde* ser indicado com a utilização da preposição *em*.

Nascentes (1953) igualmente considera que o uso da preposição *em* com verbos que indicam movimento não é exclusivo do falar rural, mas que “o fenômeno é tão brasileiro que o emprego de *a* (por parte dos que tem medo de passar por faltosos) dá um toque lusitano à frase” (NASCENTES, 1953: 171). Segundo o autor, no português arcaico, diversos verbos de movimento eram construídos com *em* e o mantiveram até hoje, como “sair, passar, saltar, tornar, volver” (NASCENTES, 1953: 172).

Conclui-se que o uso da preposição *em* é característica da linguagem coloquial, porém o constante uso dessa forma cristalizou-a, sendo utilizada igualmente por falantes cultos e pela classe letrada em situações específicas de comunicação.

Iotização

Amaral (1955) afirma que o fonema *lh* vocaliza-se em *i* e que esse fenômeno é muito comum na linguagem rural. Verifica-se a iotização nos seguintes casos: *espáia* (verso 2), *parentaia* (verso 8), *bataia* (verso 12), *navaia* (verso 14), *faia* (verso 16), *óio* (verso 17), *atrapaia* (verso 18).

Para discorrer sobre as causas que levam a esse fenômeno, Aguilera (1989) recorre aos trabalhos de Elia (1979), Silva Neto (1977), Melo (1981), Câmara Junior (1979), Nascentes (1953) e Nogueira (1958), porém justifica que nenhum dos autores consultados têm segurança para estabelecer as causas da iotização. Estas parecem ficar restritas às razões étnicas: a tendência natural das línguas românticas a esse fenômeno ou à dificuldade dos aloglotas, principalmente os índios e negros do período colonial, “em pronunciar um fonema estranho ao sistema fonológico da língua materna” (AGUILERA, 1989: 176). A mesma autora afirma que esse processo é característico da fala de indivíduos não-cultos e das comunidades que vivem em áreas afastadas dos centros urbanos, ou seja, os falantes rurais.

Nascentes (1953: 49) considera que “o *l* palatalizado (*lh*) constitui uma dificuldade para a classe inculta”, isto se deve ao fato de, no período de formação da língua portuguesa, esta classe (formada predominantemente por índios e negros) não o pronunciavam corretamente devido à ausência deste fonema em suas línguas. Dessa forma, “a dificuldade da pronúncia do *l* palatal é evitada com a supressão do elemento vibrante, ficando só a semiconsoante que em alguns casos concorreu para a palatalização” (NASCENTES, 1953: 49).

É relevante citar que, conforme Pontes (1999), o fenômeno da iotização não é aleatório, mas dependente de fatores fonético-fonológicos e de fatores extralingüísticos ou sociais (escolaridade, idade e sexo).

Apócope

No verso 2, o verbo *espalhar* sofre Apócope, que é a supressão de letra ou sílaba no fim da palavra, do fonema *r*.

Segundo Amaral (1955), o fonema *r* sempre cai quando em final de palavra, salvo em alguns monossílabos, tal fato pode ter influenciado a posição proclítica usual: *dor*, *cor*. “Conserva-se também no monossílabo átono *por*, pela mesma razão, assim como, raras vezes, em palavras de mais de uma sílaba: *amor*, *suor*” (AMARAL, 1955: 52).

Nos verbos, porém, ainda que monossílabos, cai sempre (AMARAL, 1955).

Ausência de concordância verbal

Verifica-se, na letra da canção, a ausência de concordância verbal em: *as ondas se espáia* (verso 2), *as garça dá meia volta e senta* (versos 3 e 4), *os óio se enche* (verso 17).

No seu estudo sobre o linguajar carioca, Nascentes (1953) destaca que muitas desinências pessoais sofrem mutilações. Assim como no falar rural, o autor aponta que no presente e no imperfeito do modo indicativo, “são iguais a segunda e a terceira do singular e a terceira do plural” (NASCENTES, 1953: 93): *tu ama (s)*, *ele ama*, *eles ama (s)*.

Lemle e Naro (1977) identificam esse fenômeno na fala de classes sociais mais baixas. Como explicação para tal fenômeno os autores apontam a teoria da saliência fônica, ou seja, quanto maior o grau de saliência fônica entre a forma singular e a forma plural, há maior probabilidade de se realizar a concordância verbal. Entre as formas *é/são* existe maior saliência fônica do que entre *senta/sentam*. Neste caso, provavelmente não se realizará a concordância em *sentar*.

Ausência de concordância nominal

Foram registrados os seguintes casos da ausência de concordância nominal: *as garça* (verso 3), *terras paraguaia* (verso 10), *fortes bataia* (verso 12), *os óio* (verso 17).

Amaral (1955) registra no “dialeto caipira” que o fonema *s* final indicando plural desaparece. A pluralidade dos nomes é, geralmente, indicada pelo determinante (*fortes bataia*, verso 12), porém quando os determinantes vêm acompanhados de pronome, podem perder o *s*, por exemplo: “Estas carta não são as *minha*” (AMARAL, 1955: 71).

Melo (1981) defende que a simplificação das flexões verbais deve-se à influência das línguas africanas na formação do português no Brasil e acentua-se quanto mais baixa a classe social dos falantes. A autora também discorre sobre a tendência à pluralização do primeiro determinante da oração, como *terras paraguaia* (verso 10).

Nascentes (1953) não trata do falar rural em seu estudo, entretanto, afirma que em outras modalidades lingüísticas, como por exemplo no falar urbano, também ocorre a queda do fonema *s* quando indica pluralidade, desaparecendo no final do vocábulo e a indicação do plural “pelos pronomes-adjuntos ou pelos numerais que precedem o substantivo” (NASCENTES, 1953: 81).

5. Considerações finais

Atualmente, o falar rural ainda é discriminado e considerado como língua de ignorantes, pessoas sem instrução, que não sabem português e falam “tudo errado”. Neste sentido, pode-se afirmar que, igualmente, a música caipira sofre com o preconceito, visto que muitas composições são regravadas com as letras corrigidas, adequando-as à norma padrão.

Analisando o linguajar rural e estendendo a análise às demais variantes da língua (incluindo a norma culta) verifica-se que não há línguas melhores ou piores, primitivas ou evoluídas, mas “toda língua permite a expressão de qualquer conceito” (SILVA, 1999: 18).

Os juízos valorativos são impostos por uma classe dominante, que determina como padrão de linguagem formas utilizadas pelas classes de prestígio, com maior grau de letramento; conseqüentemente, são excluídos e avaliados negativamente qualquer falante que não domine a chamada “norma culta”.

É necessário uma maior conscientização de toda comunidade lingüística para a eliminação do preconceito existente e para a revisão da noção de erro que desqualifica qualquer expressão que não pertença ao “padrão culto”.

E vale lembrar que, se por tradição e necessidade, o caipira ainda usa chapéu de palha, cabe a todos os brasileiros usá-lo também, nem que seja para tirá-lo em agradecimento pelo legado musical que permanece vivo.

RESUMO: A língua portuguesa está em constante evolução e mudança, constituindo-se de diversos falares com características próprias. Neste trabalho, serão analisados, com base em estudos sociolingüísticos, os fenômenos lingüísticos que ocorrem no falar rural presente na música de raiz “Cuitelinho”, comprovando que este falar continua vivo, principalmente, em comunidades rurais.

PALAVRAS-CHAVE: falar rural; música de raiz; variação lingüística.

ANEXO

Cheguei na beira do porto
Onde as ondas se espáia
As garça dá meia volta
E senta na beira da praia
E o cuitelinho não gosta
Que o botão de rosa caia, ai, ai, ai
Aí quando eu vim de minha terra
Despedi da parentaia
Eu entrei no Mato Grosso
Dei em terras paraguaia
Lá tinha revolução
Enfrentei fortes bataia, ai, ai, ai
A tua saudade corta
Como aço de navaia

O coração fica aflito
Bate uma, a outra faia
Os óio se enche d`água
Que até a vista se atrapaia, ai, ai, ai

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. O fonema [lh]: realizações fonéticas, descrição e a sua comprovação na fala popular paranaense. *Semina*, Londrina, v. 10, n. 3, p. 173-178, dez. 1989.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Anhembi, 1955.
- ANTUNES, Érica. Figuratividade e variação lingüística. *Revista Nave da Palavra*. São Paulo, ago.2001. Disponível em: <<http://www.navedapalavra.com.br>>. Acesso em: 02 abr. 2004.
- BOLÉO, Manuel de Paiva. *Brasileirismos: problemas de método*. Coimbra: Coimbra, 1943.
- MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 09-14.
- CAMPANÉR, Laura. Cuitelinho. *Revista Borage*. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/borage>> Acesso em: 02 out. 2004.
- LEMLE, Mirim; NARO, Anthony. Sintatic diffusion. *Ciência e Cultura*, São Paulo, 29(3); 259-68, 1977.
- MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2.ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.
- NEPOMUCENO, Rosa. O Brasil do interior soa nas cordas de uma viola. *Revista CliqueMusic*. Disponível em: <<http://www.cliquemusic.com.br>>. Acesso em: 12 abr. 2004.
- PETTER, Margarida. Linguagem, língua, lingüística. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à lingüística: objetos teóricos*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 11-24.
- PONTES, Ismael. A variação [lh]~[y] no falar rural do norte do Paraná. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos*. Londrina: Editora UEL, 1999, p. 143-154.
- SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.
- SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1999.
- UNIVERSO Country. *Caipira, a verdadeira música de raiz*. Disponível em: <<http://www.musicacountry.com/caipi.htm>>. Acesso em: 22 ago. 2004.